

Brasília tem defensor

Amanhã é o aniversário de Brasília. Culturalmente é uma data importante. Para muitos, isto não parece ter significação. É falso, pois nós vivemos principalmente dos fatos culturais.

Brasília foi uma cidade abandonada desde sua criação. Foi no fim do mandato do presidente Juscelino que Brasília foi inaugurada. Veio o presidente Jânio que a desprezava, não a amava.

Depois de Jânio tudo foi rápido e triste para a cidade. Houve Jango, sempre em crises, depois veio o regime autoritário. Brasília não pôde aprender a viver.

No período JK, Brasília estava sendo construída. Era muito mais uma obra de construção que uma cidade. Tinha operários, engenheiros e alguns funcionários precursores da administração que aqui viria se instalar. Mais do que isto, tinha também os precursores de uma cidade, mercadores e empresários que confiavam no futuro, que confiavam num ousado desafio. Era, convenhamos, pouco, diante do que se chamava Brasil profundo.

Brasília era a obra de um visionário, de um homem que acreditava num Brasil maior, numa nação progressista que teria um lugar a ocupar no mundo do futuro. O chamado Brasil profundo, o País do interior não aceitava esta conversa, acreditava no passado, acreditava que todos os dias seriam semelhantes.

Para o Brasil profundo, para o Brasil sem perspectivas de mudanças, Juscelino não passava de um desequilibrado que não sabia onde investir. O investimento da criação de uma nova capital não era reprodutivo. Era condenável.

Brasília nasceu apesar dos protestos, nasceu da audácia de um brasileiro que ousava acreditar no futuro. Mudou o Brasil. Foi fecundadora de um

processo de interiorização, já presente mas ainda lento, que fez o Brasil maior e mais ambicioso; foi justamente por isto que a cidade, o Distrito Federal foi punido. Foi castigada por todos que a receberam já feita e que não teriam ousado criá-la.

Ainda criança, Brasília era desprezada pelos padristas que a receberam já feita. A autonomia da cidade foi negada. Brasília passou a ser gerida como um aglomerado incapaz de se administrar autonomamente. O poder em Brasília era dado como prova de reconhecimento ou como compensação a forças preteridas em seus Estados. Felizmente muitos dos que a geriram a amaram. Mas os cidadãos de Brasília eram considerados incompetentes e irresponsáveis. O Brasil profundo deveria, segundo os governantes, gerir os assuntos dos irresponsáveis que habitavam a capital da República. Foi o longo tempo do autoritarismo, do povo tutelado. O eleitorado de Brasília foi, todo ele cassado.

Veio a Nova República, veio a campanha pelas diretas, vieram Tancredo e Sarney. Brasília recebeu a promessa de ser redimida, de poder ser considerada como responsável, de receber sua autonomia. Sarney lhe deu um Governador talhado para esta tarefa: o deputado José Aparecido de Oliveira. Este homem público, que esteve na resistência ao autoritarismo enquanto este durou; homem público que havia sido punido pelo poder autoritário, iniciou seu governo dizendo que seria o último Governador designado, depois dele viriam os eleitos. A Nova República, sob o impulso do poder que estabeleceu em Brasília, está cumprindo suas promessas, teremos ainda este ano representantes no Congresso Nacional.